

O DIÁLOGO ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO EM UMA CULTURA SECULARIZADA

Tarek Chaher Kalaoun¹
Ruan Fillipe da Silva Gomes²

RESUMO

Religião versus Ciência, uma existe sem a outra? Qual sua importância? Estas questões sempre inquietaram a humanidade e levaram o homem às mais diversas experiências, na seara da Fé e da Ciência. A importância do Crer para a existência humana. Tanto a Ciência quanto a Religião são importantes para humanidade, já que elas fazem parte da construção e organização social. O artigo propõe como objetivo principal compreender a relação entre ciência e religião, através de metodologia de revisão de literatura propor em verificar como a Bíblia foi utilizada para fundamentar sua superioridade em relação a ciência, descrever uma possibilidade de diálogo e relacionar qual o lugar propício para construção desse diálogo. Dividido em duas partes, a primeira estabelece historicamente a suposta “guerra” entre ambas e verifica como a Bíblia é usada e colocada como superior a Ciência. Na segunda parte o processo de secularização permite a construção de um diálogo por intermédio da ecoteologia, por isso em virtude do reducionismo sobre a temática foi importante ressaltar a importância da universidade como locus para iniciar a construção do diálogo proposto. Enfim, nas considerações finais apresentar neste trabalho que a relação entre Ciência e Religião apesar de conturbada e reducionista ocorre através da ecoteologia, que a histórica guerra entre ambas permitiu a usurpação da política sobre a temática, o fundamentalismo é um atraso para contribuição da construção de um diálogo construído tanto quanto cristianismo quanto com o islamismo. A temática tem sua limitação por ser alguns assuntos sensíveis ao serem tratados por ambos.

Palavras- Chave: Ciência. Religião. Diálogo. Ecoteologia.

IS A DIALOGUE BETWEEN SCIENCE AND RELIGION POSSIBLE IN A CULTURE THAT IS GOING THROUGH THE PROCESS OF SECULARIZATION?

ABSTRACT

Religion versus Science, can one exist without the other? What is their importance? These questions have always troubled humanity and led man to the most diverse experiences, in the field of faith and Science. The importance of belief for human existence. Both Science and religion are important for humanity, since they are part of the construction and organization of Society. The article proposes as its main objective to understand the relationship between science and religion, through a literature review methodology we propose to verify how the Bible was used to substantiate its superiority in relation to Science, describe a possibility of dialogue and relate which is the propitious place for the construction of this dialogue. Divided into two parts, the first historically establishes the supposed “war” between both and verifies how the Bible is used and placed as superior to Science. In the second part, the process of secularization allows the construction of a dialogue through ecotheology, so due to the reductionism on the subject it was important to emphasize the importance of the university as a locus to begin the construction of the proposed dialogue. Finally, in the final considerations we present in this work that the relationship between Science and religion, despite being troubled and reductionist, occurs through ecotheology, that the historical war between both allowed the usurpation of politics on the subject, fundamentalism is a delay in contributing to the construction of a dialogue build both with Christianity and with Islam. The theme has its limitations because some subjects are sensitive to be treated by both.

Keywords: Science. Religion. Dialogue. Ecotheology.

Recebido em 28 de novembro de 2024. Aprovado em 18 de dezembro de 2024

¹ Doutorando e mestre em Ciências da Religião pela PUC-GO, Bolsista FAPEG. Possui especialização em Ciências Exatas com ênfase Formação de Professores e Licenciatura plena em Física pela UCG (Universidade Católica de Goiás). E-mail: proftarekalaoun@gmail.com

² Doutorando e mestre em Ciências da Religião pela PUC-GO, Bolsista CAPES. Possui Licenciatura em Pedagogia (UEG) e Bacharelado em Teologia pela Unida de Vitória. E-mail: pr.ruanfilipe@gmail.com

INTRODUÇÃO

A interferência da Religião no desenvolvimento da Ciência, e, vice-versa, e, por consequência, no desenvolvimento do próprio Homem. Assim, para Berger (1985), a secularização não significa necessariamente o desaparecimento da religião, mas sim, uma mudança estrutural. A religião deixa de ser o principal elemento integrador da sociedade, tornando-se uma esfera entre outras no contexto social e cultural moderno que está relacionado à modernização. Esse processo de modernização promove a diferenciação das esferas sociais como: políticas, economia, ciência e religião, e a pluralização de valores e crença.

Em todos os tempos e em todas as civilizações essas perguntas sempre inquietaram a humanidade e receberam diferentes respostas, levando as pessoas a acreditarem por força exclusiva da Fé, uma vez que tais respostas não tinham comprovação concreta. A partir desse ponto é mostrar o processo da relação entre a ciência e a religião e a sua influência na vida cotidiana do indivíduo religioso.

Muitos pensam que a pesquisa científica é uma atividade puramente racional, na qual o objetivismo lógico é o único mecanismo capaz de gerar conhecimento. Como resultado, os cientistas são vistos como seres insensíveis e limitados. Pessoas que corrompem a beleza da natureza ao analisá-la matematicamente. Essa generalização é injusta, já que ela não incorpora a motivação mais importante do cientista, o seu fascínio pela natureza e seus mistérios.

A ciência vai muito além da sua mera prática. Por trás das fórmulas complicadas, das tabelas de dados experimentais e da linguagem técnica, está o ser humano tentando transcrever/transpor as barreiras imediatas da vida diária, guiado por um insaciável desejo de adquirir níveis mais profundos de conhecimento.

O homem necessita de algo para crer, seja fictício ou real, o importante é o Crer. De um lado tem-se a mitologia, essencialmente religiosa, que explicou os fenômenos da natureza por meio de “estórias”, que à época e naquele contexto, satisfizeram a necessidade dos homens em sua busca pela “verdade”. Por outro lado, o mesmo processo cognitivo ocorreu, e ainda ocorre, com outras tantas culturas, nas mais variadas formas de encarar o mistério da criação e a própria Fé em si mesma. A título de exemplo citamos a Tora, a Bíblia e o Alcorão.

Ao longo do tempo, essas “crenças” sofreram mudanças, as quais, por sua vez, no decorrer dos séculos e em razão do contínuo crescimento do conhecimento, obtido por meio de pesquisas, desenvolvimento de outros métodos (inclusive científicos) e do surgimento de novos instrumentos de estudo, o que provocou um melhor embasamento das “estórias”, transformando-as em teses ou teorias científicas, que eventualmente poderiam ser comprovadas cientificamente.

De uma maneira geral, há que se notar que, em todos os tempos a religião sempre interferiu na ciência, de outra sorte, não há como negar a existência de uma conexão entre Religião e Ciência. Este artigo propõe como objetivo principal compreender a relação entre ciência e religião, através de metodologia de revisão de literatura é proposto em verificar como a Bíblia foi utilizada para fundamentar sua superioridade em relação a ciência, descrever

uma possibilidade de diálogo e relacionar qual o lugar propício para construção desse diálogo

CIÊNCIA E RELIGIÃO SÃO INIMIGAS?

Martins (2017), acredita que há estudiosos que convergem entre a ciência e a religião, porém para aproximar esses campos existe algumas questões a serem levantadas:

- a) De que forma é possível estabelecer uma relação entre elas?
- b) Do que se trata cada área?
- c) Como se deu a coexistência ao longo da história humana?
- d) É possível cogitar a possibilidade de diálogo e aproximação entre as duas áreas?

Os gregos na visão do Hooykaas (2021), possuíam uma sofisticada visão científica do mundo e lançaram os fundamentos da astronomia e física. A Bíblia não apresenta nenhuma visão científica que pudesse servir de base a um futuro desenvolvimento. Russell e McNelly (2003), então, trazem a ideia de Ian Barbour relatando quatro tipo de relações entre a ciência e a religião:

- a) Conflito: O materialismo científico garante que o mundo é composto de matéria apenas, não havendo nenhum espaço para a mente, o espírito ou Deus e afirmam que a ciência é a única maneira de obter conhecimento verdadeiro. E o liberalista bíblico acreditam que a Bíblia deve ser compreendida de forma literal, que não requer nenhuma interpretação e que só ela nos oferece o conhecimento verdadeiro do mundo, da humanidade e de Deus e se acredita que a ciência vem para desafiar a fé bíblica.
- b) Independência: Assegura que a ciência e a religião empregam métodos contrastantes e linguagens diferentes, mantendo-as isoladas entre si. Dessa maneira, não haverá conflitos ou mesmo diálogo.
- c) Diálogo: posto que a ciência possa nos dizer a respeito do mundo, existem algumas questões que se encontram nos limites da ciência, assuntos que a ciência fomenta e que a própria não consegue respondê-las. Algumas perguntas tipo: Se o universo teve um começo, o que aconteceu antes dele? Por que o universo existe? Alguns afirmam que as maneiras pelas quais a ciência testa suas teorias não são inteiramente diferentes da teologia, ambas usam dados (fatos empíricos para a ciência; textos sagrados, experiência religiosa, liturgia para a religião). Ambas envolvem estudiosos e a razão para a busca da verdade.
- d) Integração: Inclui a teologia natural que é a tentativa de começar com o mundo e descobrir algo a respeito de Deus, isso quer dizer, levar a existência Deus, mostra a vontade e o propósito de Deus, assim incorporando as descobertas da ciência. E a síntese sistemática que é uma combinação de teologia e ciência em uma única estrutura.

Um dos exemplos mais conhecidos na história da Física é a prisão domiciliar perpétua do Galileu Galilei, Segundo Naess (2015), foi julgado e condenado pela Igreja Católica, pelo simples fato de divulgar e acreditar que a terra se movia ao redor de uma estrela (Sol) e não o contrário, como se dizia à época. E antes deste fato, tem-se a punição sofrida por Giordano Bruno, acusado de heresia, também pela Igreja Católica, sendo queimado vivo em praça pública para que servisse de lição. É notório que no final de 1980 o Papa João Paulo II pediu desculpas públicas a Galileu bem como a outros homens da ciência que foram injustiçados. Henry (2014), relata que as igrejas ajam contra as inovações nas ciências e na filosofia. Porém, não se pode concluir que a crença religiosa e a empresa científica sejam inimigas. Galileu recebeu permissão do Papa Urbano

VIII (1568 – 1644) para escrever sua obra, *Diálogo sobre os dois principais sistemas de mundo* (1632). Considerando que isso aconteceu depois que o Papa anterior emitira uma decisão, em 1616, negando a teoria copernicana, é possível dizer que o papado podia ser flexível sobre esse assunto. Além disso, o principal ponto no julgamento não foi o fato de que Galileu defendera a teoria copernicana, mas que ele o havia feito depois de ter sido ordenado, de acordo com a decisão anterior do Papa Paulo V (1550 – 1621), de não concordar com ela, não a defender ou ensiná-la “de nenhuma forma possível”. As instituições formais mobilizaram-se contra os pensadores por considerarem seus trabalhos “potencialmente ameaçadores”. Na convicção de Naess (2015), aqueles que defendem a teoria copernicana encontrariam resistência dos filósofos naturais e teólogos por acreditarem no sistema ptolomaico, que era parte da descrição aristotélica da realidade física e a crença Bíblica:

Deus colocou-os no firmamento do céu para iluminar a terra,
Presidir ao dia e à noite e separar a luz das trevas. E Deus viu que era bom. (Bíblia Sagrada, Gênesis: 17-18)

Aqui, percebe-se que não há palavra sequer que indica a ideia ptolomaica, que a terra é o centro do Universo, sistema Geocêntrico. Henry (2014), acredita que as igrejas institucionalizadas se mobilizaram contra os pensadores cujos trabalhos foram considerados potencialmente ameaçadores para a Igreja e suas autoridades. As igrejas agiam contra as inovações nas ciências e na filosofia, mas não podemos dizer e afirmar que as duas áreas, ciência e religião são inimigas.

Os historiadores da ciência, na perspectiva de Topham (2014) enfatizam a importância da teologia natural para o desenvolvimento da ciência moderna, invocando-a em explicações de fenômenos diversos como a teoria de Newton, Charles Darwin. Uma vez que o significado de um termo não está bem claro, torna-se útil começar por observações. Sendo assim, a razão começa desempenhar o seu papel principal na ciência, na teologia natural, sem amparo da revelação divina por meio da Bíblia, milagres ou de profecias.

2.1- Ela (Bíblia) já dizia tudo: tentativa de impor a cosmovisão religiosa usando a Bíblia

Rocha (2002), relata que Laplace, e pela “primeira” vez na história, não coloca o nome de Deus numa obra científica. Esse fato chamou atenção de Napoleão Bonaparte que o convidou ao palácio imperial e o questionou:

- Monsieur Le Professeur (Senhor Professor), como foi capaz de descrever, com tamanha precisão, o movimento dos corpos celestes, sem, contudo, mencionar, uma vez sequer, o seu Criador?!

- Vossa Majestade, não precisarei dessa hipótese particular (ROCHA, p. 125, 2002).

Laplace acabará de decretar a separação entre a ciência e a fé e, a partir desse contexto, a ciência e a religião passariam a seguir rumos diferentes.

Seguindo com o raciocínio de Topham (2014), o mito de que a existência e os atributos de um ser divino poderiam ser compreendidos usando a razão tem suas raízes na Antiguidade Clássica, nos trabalhos de Platão e dos estoicos. Outrossim, alguns cristãos usaram a Bíblia para justificar o projeto da teologia natural, citando passagens tais como Epístola aos romanos, na qual os infiéis são considerados imperdoáveis por conta de que:

De fato, as perfeições invisíveis de Deus – não somente seu poder eterno, mas também a sua eterna divindade – são percebidas pelo intelecto, através de suas obras, desde a criação do mundo. Portanto, eles não têm desculpa. (Bíblia Sagrada, Romanos 1-20)

Porém, somente na Idade Média que a teologia natural começou a realizar um significativo papel na teologia cristã. Muitos cristãos, na visão do Middleton (2021), em especial, evangélicos e fundamentalistas na América do Norte, assumem a verdade “literal³” do relato bíblico. Essa abordagem recebe o nome de “criacionismo científico” ou “ciência da criação” ou o nome mais recente “ciência das origens” assume que a Bíblia tem a intenção de ensinar um verdadeiro relato científico das origens cósmicas. Assim, é forçar a ciência a se encaixar no que se pensa que a Bíblia diz sobre o universo.

Na concepção de Martins (2017), o diálogo entre a ciência e a religião avançou nos últimos anos por causa do progresso no conhecimento que ambas proporcionaram. O homem da ciência vai a igreja aos domingos, prontamente ele leva o mundo da ciência para o local sagrado levando para a ciência o legado dos valores que carrega dentro da religião. Outro ponto importante, é o ponto de aproximação é a velocidade da comunicação, qualquer teólogo ou religioso tem acesso a ciência e vice-versa também, o cientista acessa informações do mundo religioso com a mesma rapidez.

TENTATIVAS DE UM DIÁLOGO ENTRE RELIGIÃO E CIÊNCIA ATRAVÉS DA ECOTEOLOGIA

A proposta de um diálogo entre ciência e religião trata-se da possibilidade de interação entre ambas, que possa dialogar entre si sugerida por Soares *et. al.* (2024), precisa ser robusto e desafiador com finalidade de investigar questões profundas e potencialmente ameaçadoras sobre a autoridade e os limites de cada participante, identificando os pontos fortes e fracos, mas dispostos a aprender um com o outro.

Religião e ciências ocupam o mundo e ambos contribuíram para formação do contexto histórico-social da humanidade. Na atualidade, a globalização e os avanços tecnológicos são plano de fundo para uma série de mudanças sociais, e por esse motivo Bertolin (2021, p.2) defende um diálogo entre elas, já que além de ocuparem o mesmo espaço, religião e ciência de acordo com o autor “contribuíram, de maneira articulada, para a formação dos valores da sociedade ocidental”. Mesmo que exista um atrito histórico o autor aborda que tais atritos é desnecessário e talvez seja uma tentativa agressiva de sobrepor um pensamento em relação ao outro quando na verdade seria uma tentativa de preservar a autonomia das esferas do conhecimento.

No contexto da globalização ambos estão em âmbitos distintos, mas não isolados e por isso merecem ser observados além das fronteiras e limites da autonomia estabelecendo uma tentativa de diálogo de modo que

A ciência pode contribuir para que religião compreenda aspectos da realidade, e isso a influenciaria no desenvolvimento, por exemplo, da sua doutrina. A religião pode oferecer para a ciência uma visão de

³ Entendimento “literal” no sentido de exigir uma correspondência exata entre detalhes desse relato, eventos e realidades no mundo empírico. (Middleton, 2021, p. 123).

mundo que possibilite progresso no modo de investigação da realidade. A perda gerada pela separação parece ser maior do que os benefícios do intercâmbio. Excluir conhecimento válido não se apresenta como uma postura adequada nem para uma, nem para a outra (Bertolin, 2021, p.5).

A dificuldade de estabelecimento do diálogo entre as partes talvez seja uma herança do período medieval e como o ocidente é “vestido” pelo cristianismo o diálogo de ambos ocorre a passos lentos conforme Murad (2020) a colonização ocidental fragmentou pessoas e dividiu o conhecimento em partes que não se comunicam. No Brasil nos últimos anos foi possível identificar no cenário nacional através do discurso fundamentalista dentro do campo político desqualificando a ciência de modo geral, impulsionando a dicotomia entre as duas.

Um aspecto importante sobre uma possibilidade de diálogo seria o processo de secularização que acontece na cultura contemporânea, fazendo com que cada vez mais pessoas e grupos descubram que o ser humano é filho da terra, conscientemente ela é a casa comum para todos os seres vivos e a responsabilidade pela preservação é das gerações do presente e do futuro, a atual crise ambiental fez desabrochar na humanidade o questionamento de sua atuação terrena (Murad, 2020, p.522).

A proposta do diálogo entre ciências e religião ocorre no Brasil através da Teologia da Libertação, que é a responsável pelo surgimento da ecoteologia. De origem caribenha, a ecoteologia propõe pensar a fé cristã de forma ecológica e é movida pelas seguintes convicções

(a) A criação não é somente o palco onde acontece a história da salvação, mas participa ativamente dela; (b) Somos chamados por Deus a continuar a obra da criação e contribuir para leva-la à plenitude; (c) O clamor da Terra e o clamor dos pobres incita a uma conversão integral (Murad, 2020, p. 527).

Tal proposta da ecoteologia faz reflexões sobre a antropologia, cristologia, escatologia, sobre a relação da Trindade e no campo hermenêutico, diferente do fundamentalismo religioso, propõe um novo olhar sobre o propósito da criação do homem através do seu desempenho no cuidado com a terra, redefinindo, portanto, a noção de domínio e administração das tarefas de cultivar e guardar (Murad, 2020).

A ecoteologia como possibilidade de construção de diálogo entre ciência e religião acaba sendo sensível para o cristianismo devido a sua esperança escatológica. Pois conforme no arcabouço teológico da escatologia permeia o ideário que uma crise mundial ecológica, econômica e política é necessária como marco temporal de que a Parusia tem proximidade, culminando em uma restauração do sistema que está em crise. Pois “o mundo criado está destinado, não à destruição, mas à plenitude a ser alcançada em Cristo. O planeta tem uma marca de filiação e, portanto, de redenção” (Cunha, 2020, p.486).

Conforme Vicente (2021) é a crise ecológica a maior contribuinte para a construção de um diálogo entre ciência e religião que ocorre a partir da teologia, pois

A crise ecológica obriga toda a teologia séria a questionar o possível antropocentrismo emboscado na sua auto-compreensão. Todas as teologias da criação devem agora manter um diálogo com aquelas formas de ciência ecológicas, cujas próprias preocupações práticas são evidentes. Todas devem agora compartilhar da mesma atitude

crítica e suspeita em face do tradicional enfoque científico teológico do direito humano a “dominar e explorar a natureza (Vicente, 2021, p. 91)

Dessa forma, surge a ecoteologia, que, conforme exposto, passa a responder a responsabilidade da participação do homem na preservação da Casa Comum. Neste sentido, a proposta de Vicente (2021) é que o diálogo seria possível através do início de uma reflexão conjunta sobre uma categoria central da teologia cristã, a saber, a categoria da esperança.

Duarte (2022), considera como falso o conflito entre ciência e religião, para o autor foram os teólogos cristãos os responsáveis pela sustentação de que não precisa recorrer a Deus para explicar tudo que acontece no mundo. Nesse sentido, é necessário recorrer a ciência. Porém, a grande dificuldade do diálogo é onde ele está inserido, já que o contexto é marcado pelo fundamentalismo religioso. Por isso o leigo possui dificuldade de contemplar um possível diálogo. Esse campo ainda se mostra reducionista, pois ao discutir ciência e religião as pautas são ligadas a criação e evolução, além de discussões sobre gênero, aborto e eutanásia.

3.1- Quem são os responsáveis e qual o local para iniciar um diálogo entre ciência e religião cristã e sua dificuldade de desenvolvimento

A primeira coisa que precisa pontuar é que essa responsabilidade do diálogo é complexa, primeiro porque no Brasil esse assunto ainda engatinha, segundo porque no geral, os frequentadores dos ambientes religiosos no cotidiano não têm uma preocupação clara a respeito da possibilidade de um diálogo. No geral a liderança religiosa cristã também demonstra pouca preocupação em estabelecer um diálogo, já que eles precisam agir conforme os interesses da instituição. E por falar na instituição religiosa ela também não é o local de discussão. Diante de tal realidade como estabelecer um local para desenvolvimento do diálogo? Soares *et al.* (2024) afirma que a universidade é o local propício para esse “encontro” já que “enquanto ambiente intelectual, presta-se à valorização de muitas virtudes, entre as quais figura a curiosidade epistêmica, e isso se faz, enquanto se promove, se constrói e se divulga o conhecimento na sociedade, seja pela ação docente no ensino, pela pesquisa ou pela extensão”. Soares, *et al.* 2024, p.2). Qualquer possibilidade de diálogo segundo os autores fora do ambiente universitário é deixar a temática ser exposta superficialmente.

A universidade como lócus para o diálogo entre ciência e religião justifica-se pela recente “confusão” entre ciência e fé religiosa que fora tomada a força pelo campo político, já que nos últimos anos houve uma campanha intencional contra campanhas de vacinação e os protocolos de enfrentamento da COVID-19 defendidos pela Organização Mundial da Saúde. Soares *et al.* (2024) propõe que a Universidade seja esse espaço para o diálogo por sua responsabilidade em promover o conhecimento através construção e valorização do conhecimento divulgando-o através das pesquisas de docentes ou discentes.

Tais autores ainda lembram que o diálogo entre ciência e religião não uma tentativa nova já que

muitos pensadores importantes da época do Renascimento usavam a metáfora dos “Dois Livros de Deus” como uma maneira de visualizar o processo de compreensão da realidade permitindo que se informassem e se enriquecessem mutuamente, lendo o Livro da Natureza e o Livro das Escrituras lado a lado (Soares, 2024, p.3).

já no século XXI a proposta de um diálogo vem envolta de vários contextos, sobretudo que há uma suposta guerra entre esses campos, por esse motivo é necessário que o ambiente acadêmico seja a forma de reformular ou recuperar o diálogo.

Para Peixoto e Harres (2021) mesmo que não seja intencional, a universidade acaba sendo o campo de relação entre ciência e religião, pois docentes e discentes são provindos de ambientes que estão carregados de religiosidade, para os autores

A Religião está, de alguma forma, presente na história da Ciência e a Ciência na história das religiões, sendo elementos que compõe a cultura humana. Por fazer parte do contexto social dos estudantes e professores, a relação entre Ciência e Religião acaba tornando-se presente, direta ou indiretamente, no contexto das salas de aulas de ciências

De acordo com Peixoto e Harris (2021) a temática ciência e religião configurou-se como objeto de estudo a partir dos anos 2000, desde então a produção acadêmica nacional tem crescido, mesmo que tais produções são limitadas ao assunto da criação e evolução e nas análises dos autores as produções encontradas possuem nível de escolaridade de predominância do Ensino Médio discutindo já citado o criacionismo e evolução, ainda conforme as análises a Biologia é a maior área de trabalhos encontrados.

O pouco diálogo existente entre as partes, segundo Alcantara (2022), é fruto do processo de secularização, já que outrora a cosmovisão predominante era religiosa e agora o homem adquire autonomia através do processo de modernização que vivenciou primeiro na Europa e depois em todo Ocidente durante o século XVII. Por isso os trabalhos apontados por Peixoto e Harris (2021) têm predominância sobre o assunto criação e evolução e pouco se estende para além do Ensino Médio.

Na realidade o processo de secularização em sua complexidade também acaba favorecendo para que outras possibilidades de surgimento de diálogo entre ciência e religião, de acordo com Alcantara (2022, p.23) afirma que “o secularismo é então a situação em que o homem se apresenta como verdadeiramente autônomo e responsável por sua situação global”. Como foi citado surgimento da ecoteologia que parte do princípio conforme Murad (2020) da reflexão sobre a responsabilidade de preservar a terra, ou seja, pensar a fé cristã a partir do lugar do homem na terra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo, por meio de metodologia de revisão de literatura, estabeleceu como objetivo geral compreender a relação existente entre Ciência e Religião. Ambas fazem parte da construção e organização social, a conturbada relação entre elas foi fruto da hegemonia da cosmovisão religiosa da Idade Medieval, desde então paira uma suposta guerra entre elas, esse tipo de relação perdurou até a chegada da modernidade, a contribuição dos processos de industrialização e urbanização.

Embora as duas ocupem o mesmo espaço e estejam no mesmo contexto, o fundamentalismo religioso cristão que reveste o mundo ocidental faz uma má utilização da Bíblia. Os textos, sem menção de assuntos científicos (até porque não é a proposta do texto bíblico), são utilizados pelo fundamentalismo

como forma de manter a suposta guerra entre Ciência e Religião, tornando tardio o diálogo entre elas.

Todavia, o processo de secularização traz uma nova proposta ontológica, tirando de cena a hegemonia da cosmovisão cristã e trazendo uma cosmovisão pautada em pressupostos científicos, que leva ao enfraquecimento da religião, mas não da religiosidade, por isso é importante verificar a possibilidade de uma construção de diálogo que explore os pontos fortes e fracos, para que possam dialogar dentro de seus limites. Mas infelizmente com tantos assuntos que pode haver uma contribuição mútua, o que se apresenta como diálogo reducionista, pelos seguintes motivos: alta produção sobre criação e evolução. Em segundo lugar, é o local de produção desse diálogo que deveria ser a universidade, mas as produções indicam que ele não ultrapassar o Ensino Médio. Talvez, se tal diálogo fosse produzido e divulgado pelo ambiente acadêmico, impediria a usurpação da política sobre a temática.

O processo de secularização trouxe outras possibilidades para Ciência e Religião. Através da ecoteologia é possível construir um diálogo entre as duas, já que a crise da atualidade é sobre o ecossistema, por isso é importante que homem se ocupa em preservar a Casa Comum, do ponto de vista religioso exige uma construção teológica e estabelecer uma releitura da escatologia tradicional e observar como a ciência pode contribuir para a preservação da Casa Comum, neste sentido tudo que envolve a existência humana.

Conforme verificado e citado no trabalho é possível a construção de um diálogo respeitando os limites e os locais da Ciência e Religião, ignorar tal proposta de construção é permanecer na ignorância e permitir a má utilização das temáticas relacionadas, as duas esferas são limitadas e não tem por obrigação dar uma resposta para tudo, então porque não construir uma outra possibilidade de relação através do diálogo. Mesmo que alguns assuntos sejam sensíveis para as duas esferas, merecem um esforço para construção de um diálogo, por mais que seja com passos lentos como ocorre no Brasil, mas é preciso que seja constante.

Fechando este ínfimo texto sobre ciência e religião com o ponto de vista de Iqbal (2003) que o Islã gerou ciência do século IX ao século XII. Esta ciência foi levada para a Europa e foi admitida pelo Ocidente cristão. O processo de transmissão da tradição científica islâmica para o pensamento europeu foi seguido por um processo de transformação fundamental dessa tradição, quer dizer que, a tradição científica islâmica contribuiu para o processo que levou o surgimento da tradição científica europeia medieval. Na medida que a Idade Média dava lugar à ciência renascentista e a ciência medieval à revolução científica do século XVII, a concepção comum de natureza começou a desaparecer dando lugar a tradição científica moderna, substituindo a ciência antiga e medieval.

REFERÊNCIAS

ALCANTARA, Juliana Quirino Silva. *Teologia, ciência e secularização sob ponto de vista do método científico*. [Dissertação] Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, 2022.

BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.

BERTOLIN, Josué. Ciência e fé em debate: Diálogo possível? *Revista de História da Ciência*, v. 4, n.2, p. 1-19, 2021.

BÍBLIA. Bíblia Sagrada. CNBB. 11ª REEDIÇÃO. Brasília - DF: Canção Nova, S.d..

CUNHA, Carlos Alberto Motta. Esperança em tempo de pandemia: apontamentos da escatologia contemporânea no contexto da Covid-19. *Revista Estudos Teológico*, v. 60, n. 2, p. 483-498, 2020.

DUARTE, Alexandre Freire. Um olhar revisto sobre a relação entre as ciências e a fé cristã. *Revista de Cultura Teológica*, n. 103, p. 214- 240, 2022.

HENRY, John. Religião e a revolução científica. In: HARRISON Peter. *Ciência e religião*. São Paulo: Ideias e letras, 2014. (p. 59 – 82).

HOOYKAAS, Reijer. *A religião e o desenvolvimento da ciência moderna*. Brasília: Academia Monergista, 2021.

IQBAL Muzaffar. O Islã tradicional e a ciência moderna. In: BENNETT Gaymon & PETERS Ted. *Construindo pontes entre a ciência e a religião*. São Paulo: Unesp, Loyola, 2003. (p. 185-196).

MARTINS, Jaziel. *A relação entre a ciência e religião*. Curitiba: Intersaberes, 2017.

MIDDLETON, J. Richard. Lendo Gênesis 3 atentos à evolução humana: Para além do concordismo e dos magistérios Não-Interferentes. A evolução e a queda: Implicações da ciência moderna para a Teologia cristã. Rio de Janeiro, p. (122-155), 2021.

MURAD, Afonso. Ecoteologia: ciência da fé e espiritualidade. *Revista Pistis Prax*, v. 12, n. 3, p. 519-540, 2020.

NAESS, Atle. *Galileu Galilei: Um revolucionário e seu tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

PEIXOTO, Cíntia Terezinha Barbosa; HARRES, João Batista Siqueira. Ciência e Religião: um mapeamento de artigos nacionais que abordam a relação entre esses campos. *Revista IENCI*, v. 26, n.1, p. 169-187, 2021.

ROCHA, José Fernando. (Org.) *Origens e evolução das ideias da física*. Salvador: EDUFBA, 2002.

RUSSEL, Robert John & McNELLY, Kirk Wegter. Ciência e Teologia: Interação mútua. In: BENNETT Gaymon & PETERS Ted. *Construindo pontes entre a ciência e a religião*. São Paulo: Unesp, Loyola, 2003. (p. 45-63).

TOPHAM, Jonathan. A teologia natural e as ciências. In: HARRISON Peter. *Ciência e religião*. São Paulo: Ideias e letras, 2014. (p. 83-107).

VICENTE, José Armando. O futuro da criação: tentativas para o diálogo entre teologia e ciência a partir da crise ecológica. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 7, n. 12, p. 78-93, 2021.